



DECRETO N.º 4.635, DE 4 DE ABRIL DE 1975:

Dá denominação a uma via pública da cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Fica denominada HAROLDO PARANHOS, (1883 - 1960) — Engenheiro e Escritor — a Rua n. 5 do Jardim Pauliceia, com início à Avenida 1 e término junto à divisa de propriedade de José Carvalho Miranda.

Artigo 2.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 4 de abril de 1975.

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES
Prefeito Municipal
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º JAIR KALIFE
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica, da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n. 35175 de 18 de dezembro de 1974, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito em, 4 de abril de 1975.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe de Gabinete



RUA HAROLDO PARANHOS.

Um nome esquecido

Arita Damasceno PETTENÁ

Quando ele se sentiu cansado e vencido pelos anos, escolheu Campinas para morada de seus cabelos brancos. Para cá trouxe a mulher, os filhos e, junto deles, dividia as horas tocando piano, escrevendo livros, fazendo amigos.

Apaixonado por poesia, declamava versos como ninguém e mesmo aqueles, que pareciam indiferentes à arte do parnaso, sentiam-se logo atraídos pelos grandes vates, tal a força de expressão que Haroldo Paranhos sabia pôr em cada linha de um poema.

Pertencendo a uma das famílias mais ilustres do Brasil Império e Republicano, era ele neto do Barão de Palma da Bahia e sobrinho-neto do Visconde do Rio Branco. Como primo ainda do Regente Feijó, recebeu o segundo prêmio no Concurso do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo pelo perfil que tão bem lhe soube traçar.

E' que, dedicando-se à difícil arte de escrever, apesar de ser um grande engenheiro, o Dr. Haroldo Paranhos nunca se descuidou de dados imprescindíveis e exatos, porque sabia serem eles importantes na confecção de uma obra. E foi embuído desse espírito de pesquisador consciente e responsável, é que deu à sua pátria dois volumes de "História do Romantismo do Brasil", em edições já esgotadas, e que retratam, fielmente, as figuras de nossa história literária, dos anos de 1500 e 1850. O terceiro volume em fase de acabamento, haveria de ficar somente entre os seus, porque a morte quando chega não pede licença a ninguém nem mesmo quer saber se há algo ainda a terminar.

Assim, no dia 20 de maio de 1960, O "Correio Popular", em notícia de destaque, comentava-lhe o falecimento e, entre outros dados, dizia ter sido ele Secretário de Estado do ex-presidente Artur Bernardes; engenheiro-chefe da Divisão de Aguas de Ribeirão Preto; engenheiro construtor do Teatro de São João Del Rey, em Minas; de vários ramais de estrada de ferro, também em Minas; e, finalmente, um dos construtores da Estrada de Ferro Santos - Jundiá.

O que a imprensa, no entanto, desconhecia é que sendo ele um frequentador assíduo do Centro de Ciências; autor de várias obras como "Alvares de Azevedo, sua vida e obra", "Manoel Antônio de Almeida, sua vida e obras", "Visconde de Taunay, sua vida e obras",

"Schumann como crítico", além de dois trabalhos originais de engenharia, "Solução do problema das enchentes do Largo do Piques" e "Saneamento do Lago de Santo Amaro", teve ele a amarga decepção de ver seu nome rejeitado por um dos integrantes da Academia Campinense de Letras, quando alguém soprou aos ouvidos daquela entidade que nada mais justo que inclui-lo como um dos seus próximos membros.

Ele, que recebera, cartas de quase todas as academias de letras do Brasil, reverenciando-lhe o trabalho, "de fôlego", "metódico", "profundo", "de grande valor pela originalidade no modo de encarar o assunto, pela profundidade na investigação, segurança de critério na apreciação e exposição", via-se agora esquecido pela terra onde já habitava há quase dez anos e que, de coração, escolhera para viver seus últimos anos.

E por isso morreu magoado com Campinas, se bem que de tudo isso não tivesse culpa a terra, mas sim os homens que traçam os seus destinos e, principalmente, aqueles que, dizendo-se intelectuais, falham em seus métodos de seleção, porque têm medo que a luminosidade dos verdadeiros valores ofusque ainda mais a nulidade de seus pseudos dons.

Hoje, quase quinze anos passados de sua morte, nada mais justo que este chão bicentenário, fazendo uma reconstrução dos nomes que fizeram a sua história, tirasse do baú do esquecimento criaturas que foram legenda um dia e que deram, sem nada pedir, um pouco de si na construção de um ideal maior. Haroldo Paranhos foi um deles. E por isso nada mais justo que dar a uma de nossas ruas, — algumas valendo-se até de números e de letras que não nos dizem nada — nada mais justo, repito, que dar a uma delas o nome desse grande engenheiro e escritor, para que os seus filhos, netos, bisnetos e números amigos que aqui deixou pudessem dizer à sua passagem:

"Este é mais um ato de justiça e gratidão que Campinas presta a um homem que soube dignificar as nossas letras, contando, com graça e beleza, histórias do nosso romantismo porque, afinal de contas, como ele mesmo dizia, no prefácio de sua obra, eram: — "fruto de um trabalho exaustivo de investigações, da-lo-emos por bem aproveitado se o leitor paciente dele colher alguma coisa que lhe deleite o espírito, aprendendo, ao mesmo tempo, a conhecer a vida e a obra dos numerosos brasileiros ilustres, cujas sombras desfilam pelas suas páginas, animadas por tudo quanto lhes podíamos dar de nossa inteligência e de nosso coração."

(Publicado no "Correio Popular" de
02 - junho - 1974)